

# INFODATA LVT 8



Dezembro de 2014

## Lisboa no contexto das Regiões Metropolitanas Europeias



## FICHA TÉCNICA

Título: InfoData LVT Nº 8

Edição: Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo

Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo

Coordenação: João Pereira Teixeira

Elaboração: Florinda Oliveira e Linda Irene Pereira

Design: Celeste Carrasco, Luís Antunes e Nuno Novas

Créditos Fotográficos: Fotografia: José Manuel Figueiredo; POR Lisboa ; [www.flirck.com](http://www.flirck.com); [www.tripadvisor.com.br](http://www.tripadvisor.com.br); [www.finland.fi/public](http://www.finland.fi/public)

Páginas: 35

Data: Dezembro 2014

ISSN: 2182-6978

Website: <http://www.ccdr-lvt.pt>

Contacto: Rua Alexandre Herculano, 37 1250-009 Lisboa

Tel: (351) 21 383 71 00

# SIGLAS E ACRÓNIMOS

AML | Área Metropolitana de Lisboa

BBR | Building and Regional Planning

BBSR | Building Urban Affair and Spatial Development

CCDR LVT | Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo

Eurostat | European Statistical System

ESPON | European Observation Network, Territorial Development and Cohesion

LUZ | Large Urban Zones

LVT | Lisboa e Vale do Tejo

METREX | The Network of European Metropolitan Regions and Areas

NUTS | Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

OCDE | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ORLVT | Observatório Regional de Lisboa e Vale do Tejo

POR Lisboa | Programa Operacional Regional de Lisboa

PIB | Produto Interno Bruto

RL | Região de Lisboa

RLVT | Região de Lisboa e Vale do Tejo

UE | União Europeia

VAB | Valor Acrescentado Bruto



# ÍNDICE

**Siglas e acrónimos 3**

**Introdução 7**

**Notas Metodológicas 9**

**1 - A Dimensão Metropolitana no Contexto das Políticas Europeias 11**

**2 – Lisboa e as Regiões Metropolitanas Europeias 33**

**3 – A Qualidade de Vida Urbana nas Cidades Europeias 55**



Estrasburgo, França ([www.flirck.com](http://www.flirck.com))

## Introdução

A InfoData é um suplemento de monitorização semestral que tem por objetivo divulgar informação relativa às dinâmicas da Região de Lisboa e Vale do Tejo.

O presente número visa proceder a uma análise comparativa entre a Área Metropolitana de Lisboa (Região de Lisboa NUTS II 2002) e as regiões Metropolitanas da Europa que apresentem referenciais semelhantes em termos de dimensão, população ou economia, pretendendo-se assim perceber o desempenho da Região de Lisboa face aos seu pares europeus.

O documento está organizado em três partes:

Na primeira parte aborda-se a importância crescente que a dimensão metropolitana e urbana tem assumido no contexto das políticas e das instituições europeias. Existem cerca de 120 áreas ou regiões metropolitanas na Europa que concentram mais de 60% da população. Estes territórios concentram ainda grande parte da produção e da riqueza dos países, pelo que a comparação das dinâmicas de desenvolvimento da Região de Lisboa com outras regiões metropolitanas é relevante, sobretudo, no contexto dos fundos estruturais e de investimento europeus para 2014 – 2020.

A segunda parte foca-se na apresentação e leitura dos dados estatísticos disponíveis para as regiões metropolitanas selecionadas, segundo os critérios explanados na nota metodológica. A comparação das dinâmicas metropolitanas permite acompanhar a trajetória de desenvolvimento de regiões que competem com a região portuguesa, e apoiar a decisão no âmbito das políticas públicas que visam um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo na Região de Lisboa. Por se tratar de uma análise comparativa das regiões metropolitanas europeias, neste estudo consta apenas informação estatística para Região de Lisboa (NUTS II 2002), quebrando a prática seguida noutras InfoDatas em que a análise dos temas se reportava à Região de Lisboa e Região de Lisboa e Vale do Tejo - RLVT (NUTS II 2001).

Na última parte, pretende-se complementar a informação disponível por região metropolitana (ainda escassa), apresentando dados relativos à perceção dos cidadãos sobre a qualidade de vida nas cidades europeias (que integrem as regiões metropolitanas em estudo) constante do “Urban Audit”, que fornece informação comparável sobre os diferentes aspetos do bem-estar urbano.



Dublin, Irlanda ([www.advisor.com.br](http://www.advisor.com.br))



## Notas metodológicas

Para efeitos de comparação à escala europeia, da Região com outras Regiões ou Áreas Metropolitanas, considerou-se pertinente que esta tivesse por base um conjunto de Regiões ou Áreas Metropolitanas que apresentassem semelhanças com a Região de Lisboa, ao nível da dinâmica económica, dimensão populacional e territorial.

Na seleção das áreas a estudar foi considerado o ranking constante do estudo “Metropolitan areas in Europe” publicado pelo Federal Institute for Research on Building, Urban Affairs and Spatial Development (BBSR), within the Federal Office for Building and Regional Planning (BBR), e que opera na ponderação de diversos indicadores que refletem cinco funções das Áreas Metropolitanas: política, economia, ciência, transportes e cultura.

Neste *ranking*, a Região de Lisboa ocupa a 25ª posição e, para efeitos de comparação nesta InfoData, foram selecionadas 21 Áreas Metropolitanas com classificação próxima aquela (cerca de 10 níveis acima e abaixo da posição da Região de Lisboa).

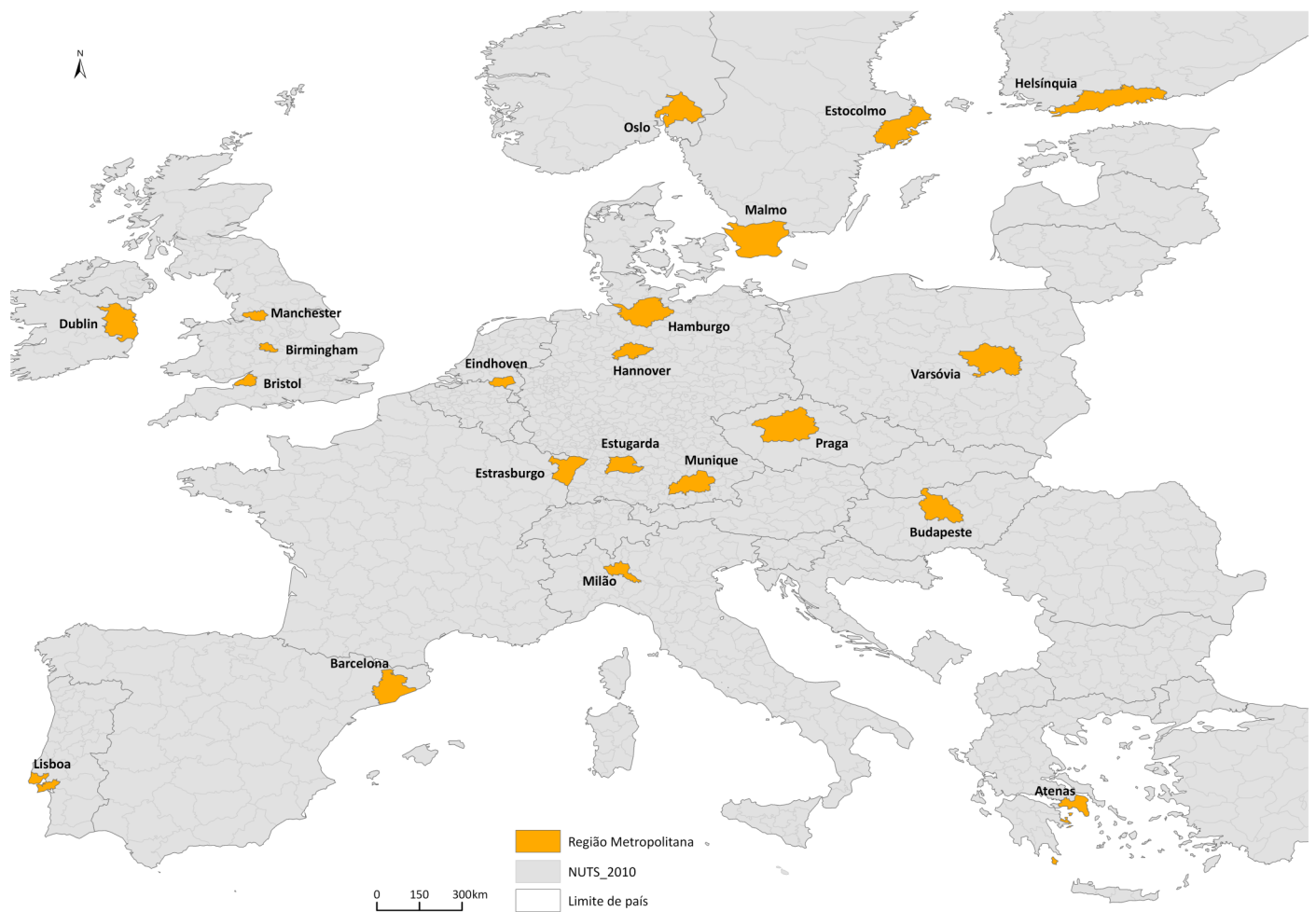
Paralelamente, e ainda no processo de selecção, foi tido em conta a existência de informação estatística, que permitisse uma análise comparativa, tendo sido excluídas as regiões metropolitanas não pertencentes ao espaço europeu ou aquelas para as quais não era possível obter informação desagregada e consistente no Eurostat.

A tipologia de Região Metropolitana utilizada baseia-se nas regiões NUTS III, de acordo com a metodologia do Eurostat. A constituição de cada Região Metropolitana resulta de uma só ou da combinação de diversas NUTS III, que representam aglomerações com pelo menos 250 000 habitantes. Se numa região NUTS III adjacente mais de 50% da população, reside também dentro desta aglomeração, ela é incluída na Região Metropolitana<sup>(1)</sup>. Essas aglomerações foram identificadas usando o conceito de zonas urbanas alargadas (Large Urban Zones - LUZ) do Urban Audit.

Ao nível de informação estatística foram utilizados os indicadores que o Eurostat possui desagregados por Região Metropolitana, no entanto e por ainda não ser abundante a informação disponível a esta escala, pontualmente recorreu-se a outras fontes de informação (e.g. a OCDE) e âmbitos geográficos por forma a ilustrar várias perspetivas de desenvolvimento das regiões metropolitanas da Europa.

(1) - <http://ec.europa.eu/eurostat/web/metropolitan-regions>

Figura 1 - Regiões metropolitanas europeias selecionadas



Fonte: Eurostat/GISCO; Com tratamento do ORLVT

Figura 2 - Posição das regiões metropolitanas europeias seleccionadas

Nome	País	Posição no Rank of BBSR - Metropolitan Areas in Europa 2011
Munique	Alemanha	12
Milão	Itália	13
Barcelona	Espanha	14
Estocolmo	Suécia	15
Malmö	Suécia	17
Atenas	Grécia	20
Helsínquia	Finlândia	21
Hamburgo	Alemanha	22
Budapest	Hungria	23
Varsóvia	Polónia	24
<b>Lisboa</b>	<b>Portugal</b>	<b>25</b>
Manchester	Reino Unido	26
Estugarda	Alemanha	27
Praga	Rep. Checa	28
Oslo	Noruega	32
Dublin	Irlanda	34
Hannover	Alemanha	36
Estrasburgo	França	38
Birmingham	Reino Unido	41
Bristol	Reino Unido	42
Eindhoven	Holanda	43



Estocolmo, Suécia ( [www.flirck.com](http://www.flirck.com) )

# 1– A DIMENSÃO METROPOLITANA NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS EUROPEIAS

## A metropolização da Europa

Na Europa a evolução do processo de urbanização resultou na construção de cidades centrais e respetivas periferias ou em aglomerações de cidades e vilas. A maioria destas áreas tem um carácter metropolitano, funcionando como uma área ou região independente, mas com fortes relações funcionais e de mobilidade no seu interior, estabelecendo influência nos territórios envolventes. O Comité das Regiões utiliza o conceito de Região Urbana Funcional para descrever estes territórios.

Segundo o Eurostat, as 100 maiores áreas urbanas da Europa concentram cerca de 200 milhões de pessoas e 500 milhões de trabalhadores. Grande parte da população europeia, à semelhança do que sucede em termos mundiais, vive e trabalha em cidades e áreas urbanas, que constituem centros dinâmicos da economia e dos territórios, aglutinadores de recursos e geradores de oportunidades e desafios, pelo que a prosperidade da Europa depende da boa governança destes territórios. Tanto assim é, que a Política de Coesão Europeia passou a integrar um terceiro pilar dedicado à coesão territorial, acrescentando aos da coesão económica e social.



Atenas, Grécia ([www.flirck.com](http://www.flirck.com))

## A dimensão metropolitana nas políticas europeias

As áreas ou regiões metropolitanas têm vindo a conquistar relevância no seio das políticas e das instituições europeias e têm sido objeto de estudo e reflexão em diversos fóruns. Destacam-se os vários estudos elaborados pelo ESPON sobre as cidades, bem como a produção estatística (pelo Eurostat) desagregada por Regiões Metropolitanas, e ainda a criação do METREX – Rede Europeia de Regiões e Áreas Metropolitanas (parceira das instituições europeias), que fornece uma plataforma para a partilha de competências, conhecimento e experiências, nestas matérias e contribui para acentuar a dimensão metropolitana nas políticas, programas e projetos europeus.

Por outro lado, as propostas da União Europeia para o próximo período de programação 2014 – 2020 atribuem maior relevância às questões urbanas no contexto das políticas da UE, e reconhecem que as cidades podem proporcionar um forte contributo para o cumprimento das metas da Estratégia Europa 2020, enquanto polos de concentração de pessoas, emprego, empresas, tecnologias, e culturas. Essa relevância da dimensão urbana traduziu-se, por exemplo, na criação de Instrumentos (intervensões integradas de desenvolvimento urbano sustentável geridas pelas cidades, ou ações inovadoras em áreas urbanas) e na definição de prioridades de investimento prioritárias para as áreas urbanas, nomeadamente: a promoção de estratégias de baixo teor carbónico; as ações para melhorar o ambiente urbano, incluindo a regeneração de áreas industriais em declínio e a redução da poluição atmosférica; a promoção da mobilidade urbana sustentável e o apoio à regeneração física e económica de comunidades urbanas degradadas.

Em reforço deste caminho, em Março de 2014, na sexta cimeira europeia de cidades e regiões, o Comité das Regiões adotou a Declaração de Atenas, que apela a uma forte dimensão territorial na definição e implementação da Estratégia Europa 2020.

Este enquadramento atribui maior relevo, a par de novas oportunidades e desafios, para o desenvolvimento das áreas urbanas e regiões metropolitanas.

Figura 3 – População Residente nas Regiões Metropolitanas europeias

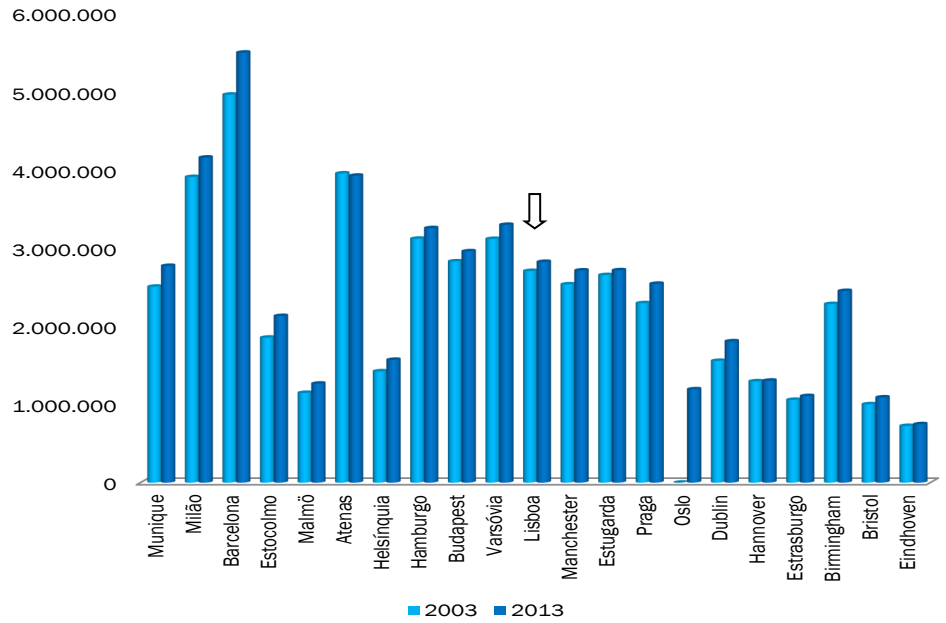


Figura 4– Area total (km2) - 2012

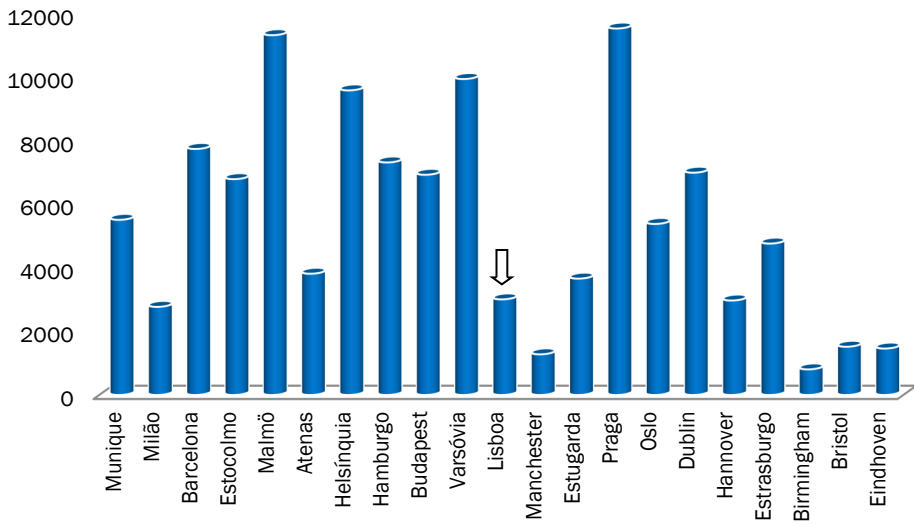
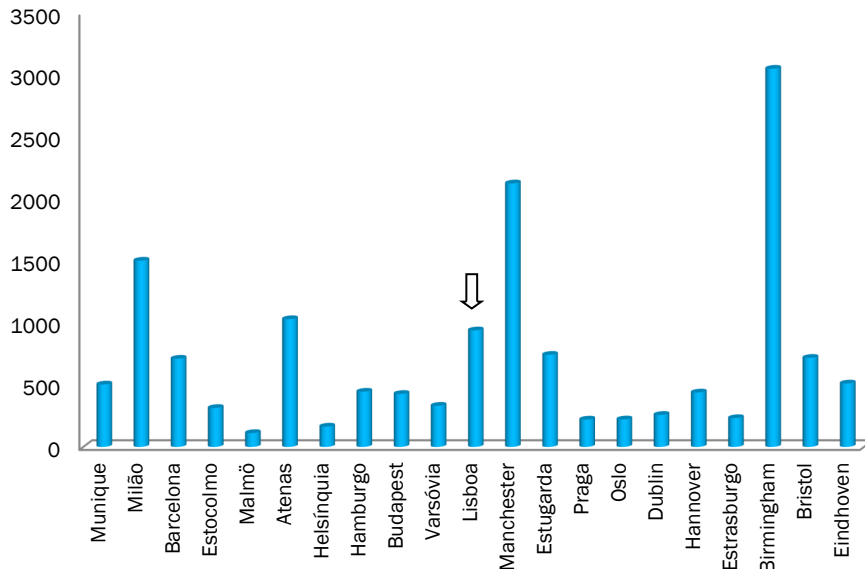


Figura 5—Densidade populacional em 2013



Fonte: Eurostat / ORLVT



# 2– LISBOA E AS REGIÕES METROPOLITANAS EUROPEIAS

## População e Dimensão

As regiões metropolitanas em análise, entre 2003 e 2013, registaram uma tendência genérica de crescimento populacional, mais expressiva nas quatro regiões com melhor posição no Rank of BBSR: Munique, Milão Barcelona e Estocolmo (*Figura 3*). Aliás, Barcelona é a região mais populosa, com 5.493.081 habitantes, seguida de Milão e Atenas, ambas com cerca de 4 milhões de habitantes, tendo esta última registado um ligeiro decréscimo populacional.

A região de Lisboa, com cerca de 2.800.000 habitantes, apresenta uma dimensão intermédia face aos seus pares europeus, com níveis populacionais próximos de Munique, Manchester ou Estugarda. As regiões menos populosas são Eindhoven, Bristol e Estrasburgo.

No que respeita à dimensão territorial das regiões metropolitanas selecionadas, verifica-se que as mais pequenas são as regiões do Reino Unido (Manchester, Bristol e Birmingham) e da Holanda (Eindhoven). Em termos genéricos as regiões metropolitanas do norte da Europa são as que têm maior dimensão, destacando-se igualmente Praga e Varsóvia na Europa Central. A dimensão da região de Lisboa (3.000 Km<sup>2</sup>) é semelhante à de Estugarda ou Atenas e equivale, por exemplo, ao dobro da área de Bristol e a um terço da área de Helsínquia (*Figura 4*).

Cruzando estas duas variáveis, destaca-se Birmingham, com cerca de 3.000 habitantes/km<sup>2</sup>, seguida de Manchester e Milão com densidades populacionais também expressivas (2.122 e 1.500 hab/km<sup>2</sup>, respetivamente). As regiões com menores densidades localizam-se no norte da Europa: Malmö, Helsínquia e Oslo com valores entre os 100 e 200 habitantes/km<sup>2</sup>. A este nível Lisboa posiciona-se a meio da tabela, com uma densidade populacional de 938 habitantes/km<sup>2</sup> a par da registada em Atenas (*Figura 5*).

Figura 6—Proporção de população jovem e idosa —2012

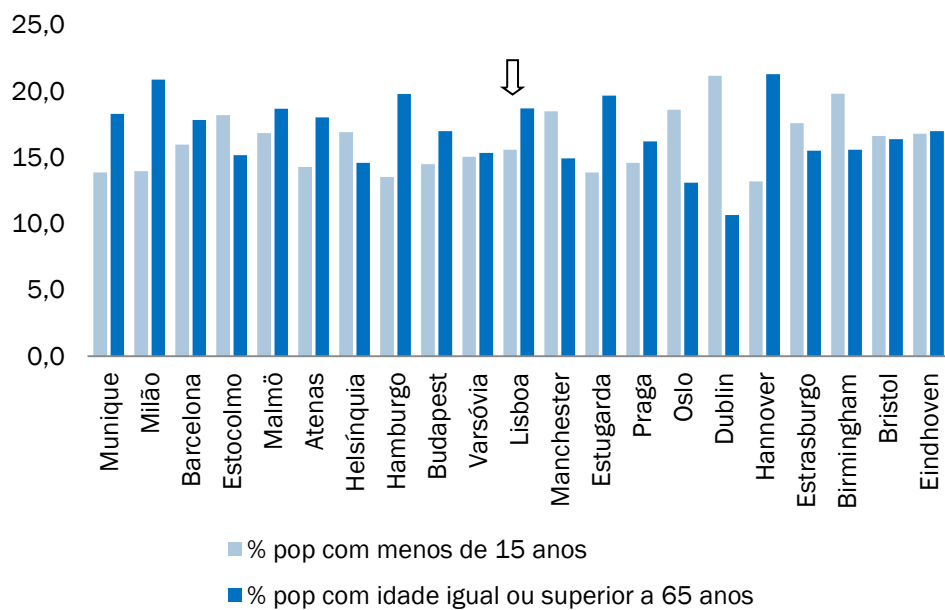


Figura 7 – Proporção da população jovem na população total -2012

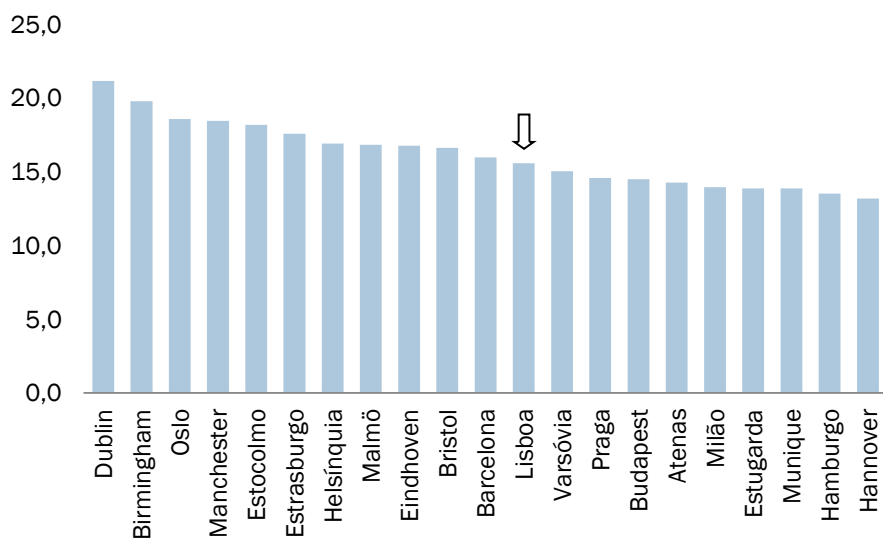
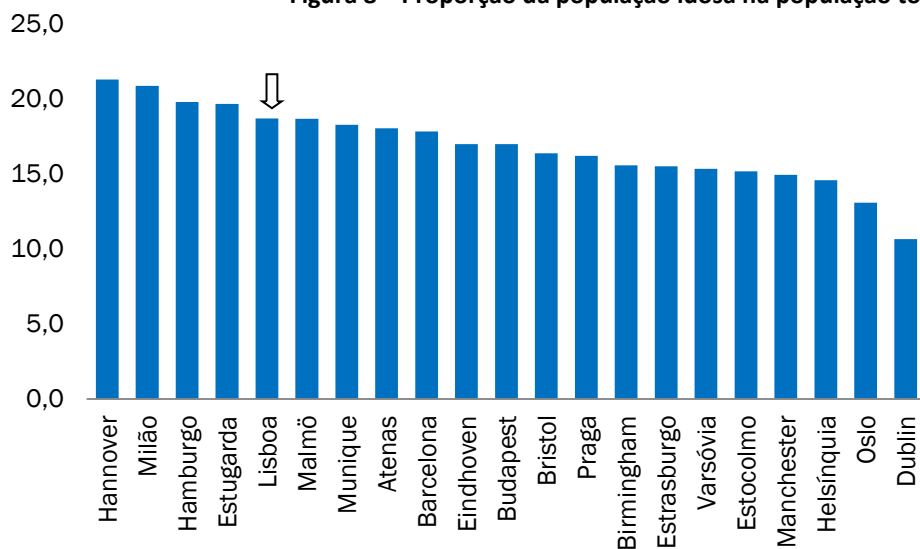


Figura 8—Proporção da população idosa na população total—2012



Fonte: Eurostat / ORLVT

## Estrutura da população

A distribuição da população por grupos etários permite-nos aferir a representatividade dos jovens e idosos na população total das regiões metropolitanas europeias.

Em 2012, à exceção de Estocolmo e Helsínquia, a proporção de idosos (população com idade igual ou superior a 65 anos) é superior à proporção de jovens (população com menos de 15 anos) nas 10 primeiras regiões do Rank of BBSR, revelando assim uma tendência de envelhecimento populacional (*Figura 6*).

No que respeita à proporção de jovens na população total, Lisboa aparece em 13.º lugar com apenas 15,6% da população com menos de 15 anos face ao total da população (*Figura 7*), verificando-se uma estrutura populacional envelhecida. Tendo presente este indicador, em 2012, as regiões metropolitanas mais jovens são Dublin (21,2%), Birmingham (19,8%), Oslo (18,6%), Manchester, (18,5%) e Estocolmo (18,2%).

A proporção de idosos na população total reforça esta tendência, sendo que Lisboa ocupa a 5.ª posição neste indicador, com 18,7% da população com idade igual ou superior a 65 anos. As regiões metropolitanas mais envelhecidas são Hannover (21,3%), Milão (20,9%), Hamburgo (19,8%) e Estugarda (19,7%) (*Figura 8*).

Em suma, a larga maioria das regiões metropolitanas europeias em análise apresenta uma proporção de idosos superior à proporção de jovens na população total, sinal do envelhecimento destas sociedades o que constitui uma ameaça ao desenvolvimento económico e social destes territórios.

Figura 9 – Áreas verdes per Capita (m<sup>2</sup>)  
2002 - 2012

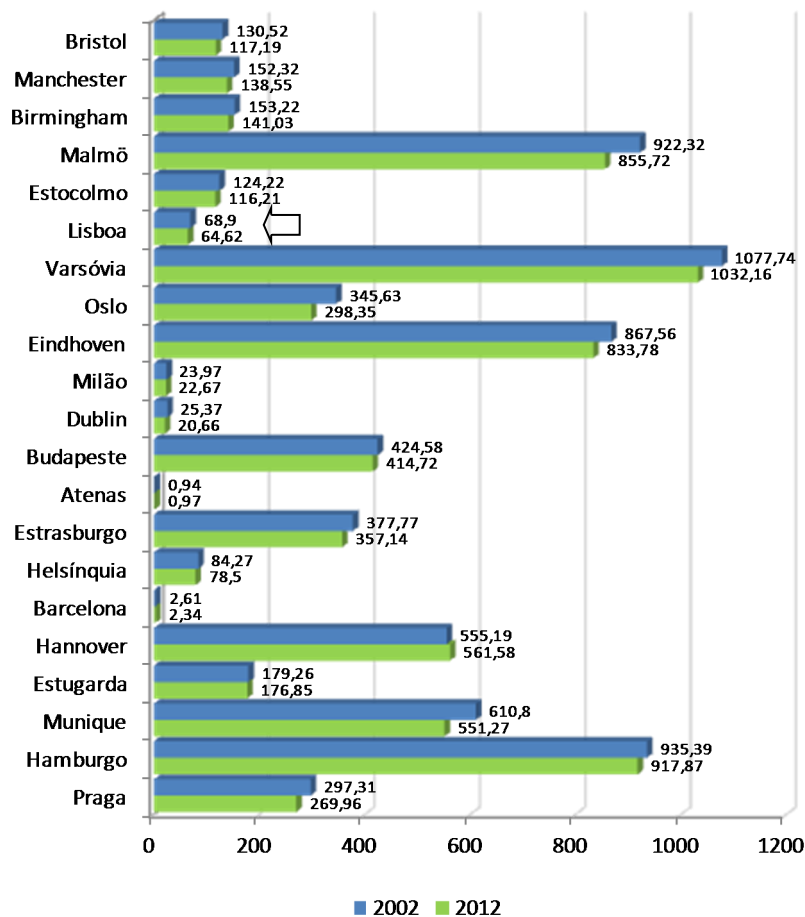
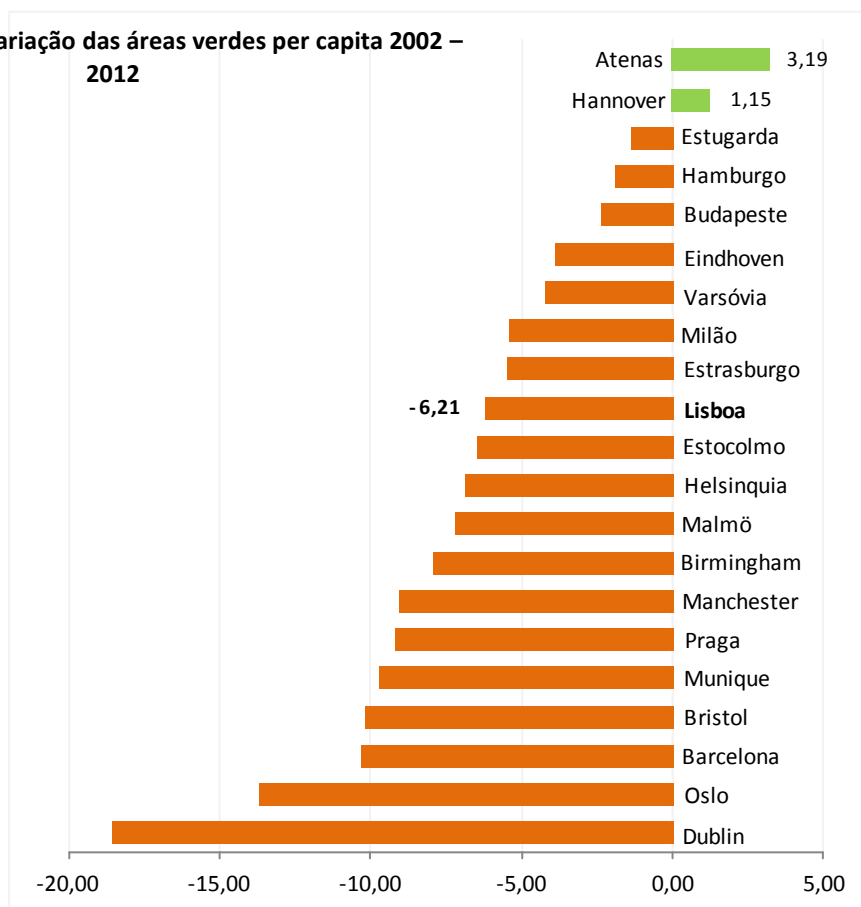


Figura 10 - Taxa de variação das áreas verdes per capita 2002 –  
2012



Fonte: OCDE (áreas metropolitanas)/ ORLVT

## Áreas verdes

A concentração de população e de atividades nas grandes cidades e respetivas áreas metropolitanas tem como efeito o aumento dos espaços construídos e impermeabilizados e a consequente diminuição dos espaços e áreas verdes. Tendo por base a informação disponível na OCDE para as áreas metropolitanas é possível aferir a evolução das áreas verdes nestes territórios e a sua representatividade por habitante.

Observando as *Figuras 9 e 10* verifica-se uma diminuição de área verde *per capita* no período de 2002 a 2012, na maioria das áreas metropolitanas, à exceção de Atenas e Hannover que registam um ligeiro aumento (3,2% e 1,2 % respetivamente), sendo que, no mesmo período as regiões de Dublin e Oslo foram as que registaram maiores perdas de áreas verdes *per capita* com um decréscimo de 18,6 % e 13,7%. Da mesma forma a Região de Lisboa registou neste período uma diminuição, sendo que cada habitante dispunha de menos 6% de área verde em 2012 do que em 2002.

Comparando os valores de áreas verdes *per capita* existentes, ressalta uma grande disparidade entre as regiões metropolitanas selecionadas. As regiões que em 2012 apresentam melhores resultados são Varsóvia, com 1.032 m<sup>2</sup> de áreas verdes por habitante, seguida de Hamburgo com 918 m<sup>2</sup> *per capita* e de Malmö com 856 m<sup>2</sup>. Por oposição, as regiões que apresentam menores rácios são Atenas e Barcelona, com 0,97 e 2,34 m<sup>2</sup> de área verde por habitante, respetivamente, registando valores muito residuais. Por sua vez, cada habitante da Região de Lisboa dispõe de 64,6 m<sup>2</sup> de áreas verdes, valores reduzidos face aos registados noutras regiões metropolitanas da Europa.

Na leitura destes valores, para além da dimensão que as áreas verdes ocupam naqueles territórios, importa ter em consideração as densidades populacionais registadas nestas regiões, fator que influencia o resultado das áreas verdes *per capita*.

Do ponto de vista da qualidade de vida urbana e da perceção da mesma, no ponto 3 desta publicação, é analisada a satisfação dos cidadãos relativamente aos espaços verdes, com Lisboa a ocupar uma posição pouco favorável.

Figura 11 – PIB a preços correntes de mercado (euros / habitante)

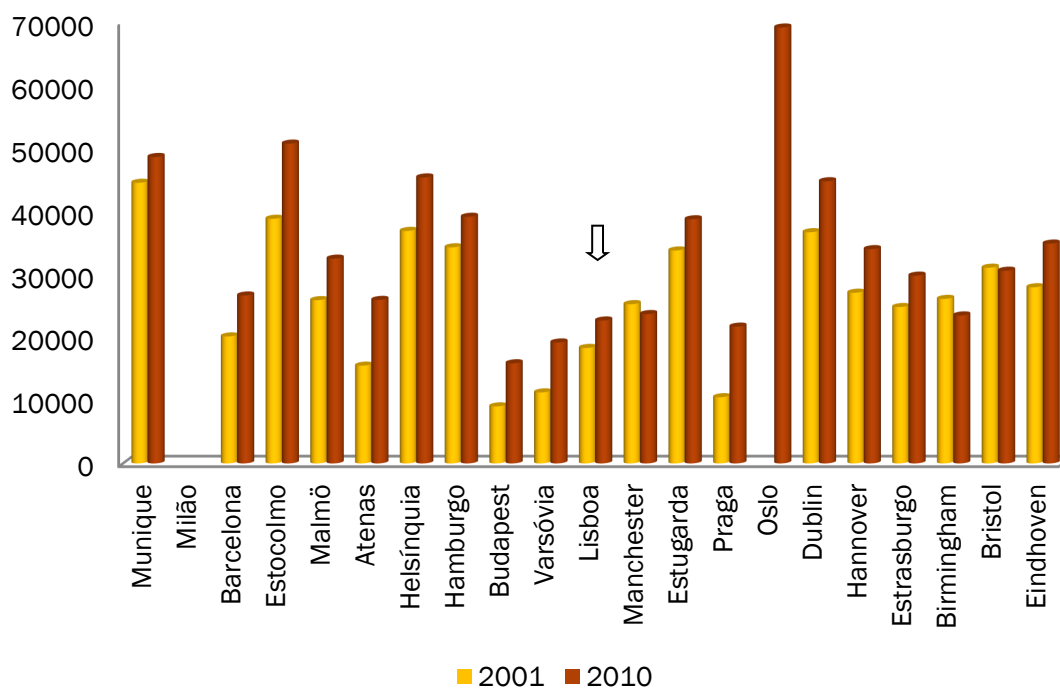
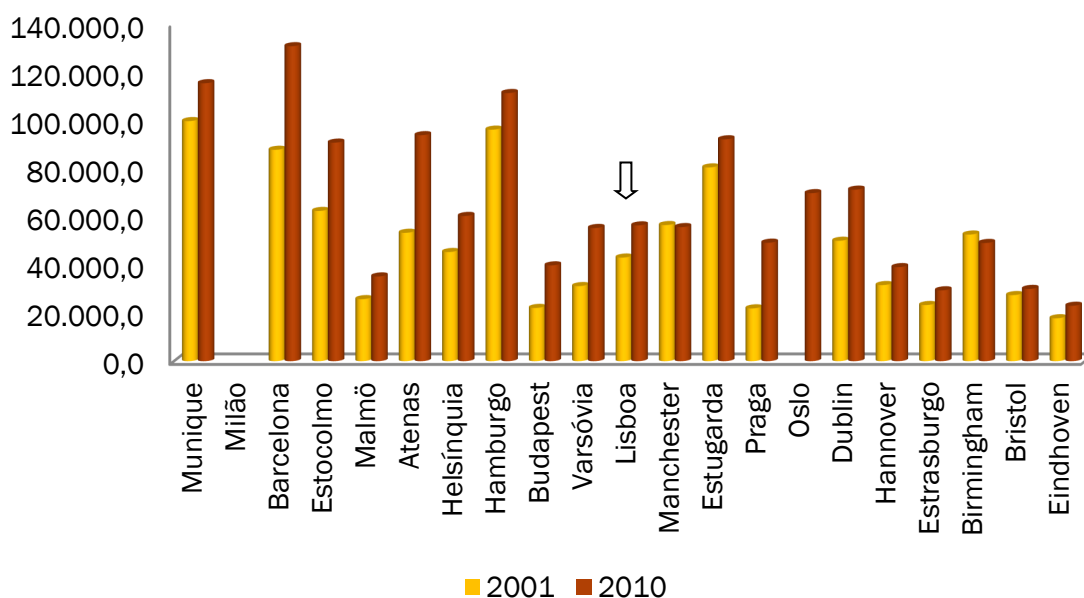


Figura 12 – VAB a Preços base (Milhões de Euros)



Fonte: Eurostat / ORLVT

## Desempenho Económico

No que respeita ao desempenho económico das regiões metropolitanas da Europa, e relativamente à evolução do Produto Interno Bruto, entre 2001 e 2010 registou-se uma tendência genérica de crescimento, exceto nas regiões de Bristol e Birmingham. As regiões metropolitanas que apresentam valores mais elevados são as do norte da Europa: Oslo (69.144 €/hab) e Estocolmo (50.725 €/hab), seguidas de Munique e Helsínquia. Por outro lado, em 2010, Budapeste e Varsóvia são as regiões com menor PIB por habitante (15.878 €/hab e 19.180 €/hab respetivamente). A região de Lisboa apresenta valores intermédios quando comparados com as restantes regiões (25.668€/hab), ficando ao nível de Manchester, Barcelona e Atenas (*Figura 11*).

Quanto ao Valor Acrescentado Bruto (VAB), verifica-se igualmente uma tendência crescente entre 2001 e 2010 para a generalidades das regiões com exceção de Birmingham que regista um ligeiro decréscimo do VAB. As regiões que apresentam melhor desempenho neste domínio são Barcelona, Munique e Hamburgo com um VAB na ordem dos 120.000 M€. Por outro lado, Eindhoven, Estrasburgo e Bristol são as regiões metropolitanas que registaram neste período valores mais reduzidos. Já a região de Lisboa apresenta uma tendência crescente de 2001 para 2010 (56.308 M€) com valores próximos dos registados em Manchester, Varsóvia ou Helsínquia (*Figura 12*).

Estes resultados confirmam que as regiões do norte da Europa, apresentam na generalidade um desempenho económico mais favorável e que a região de Lisboa se posiciona num nível intermédio relativamente aos seus pares europeus aqui selecionados.

Figura 13 – Taxa de Desemprego Total

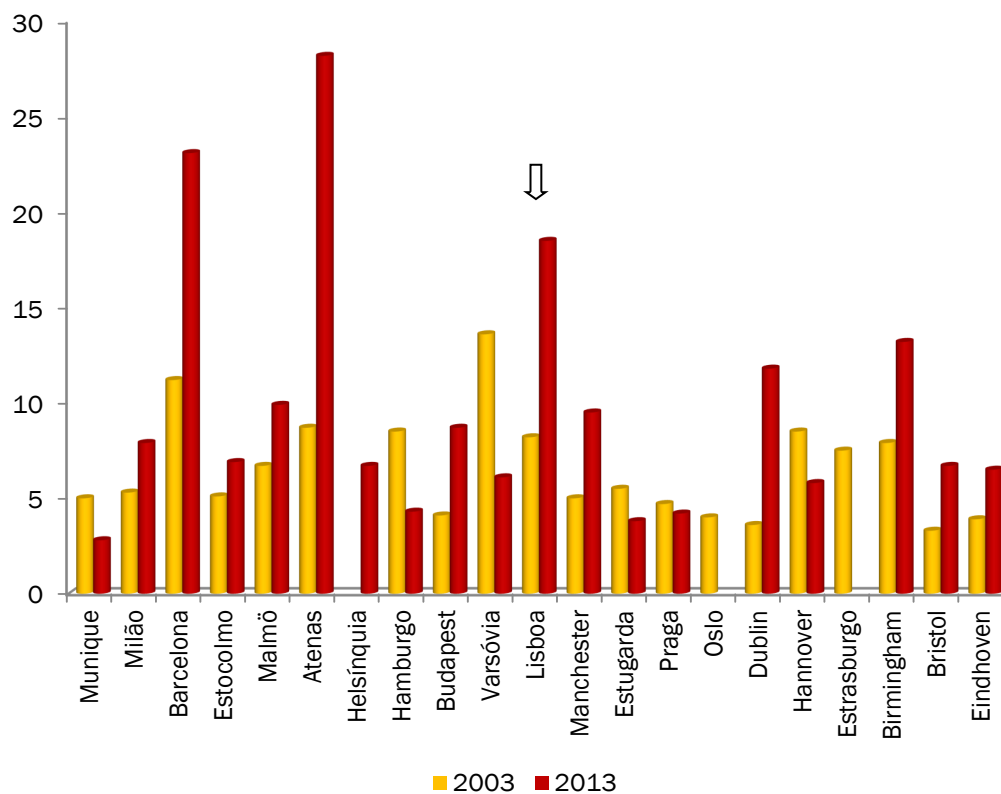
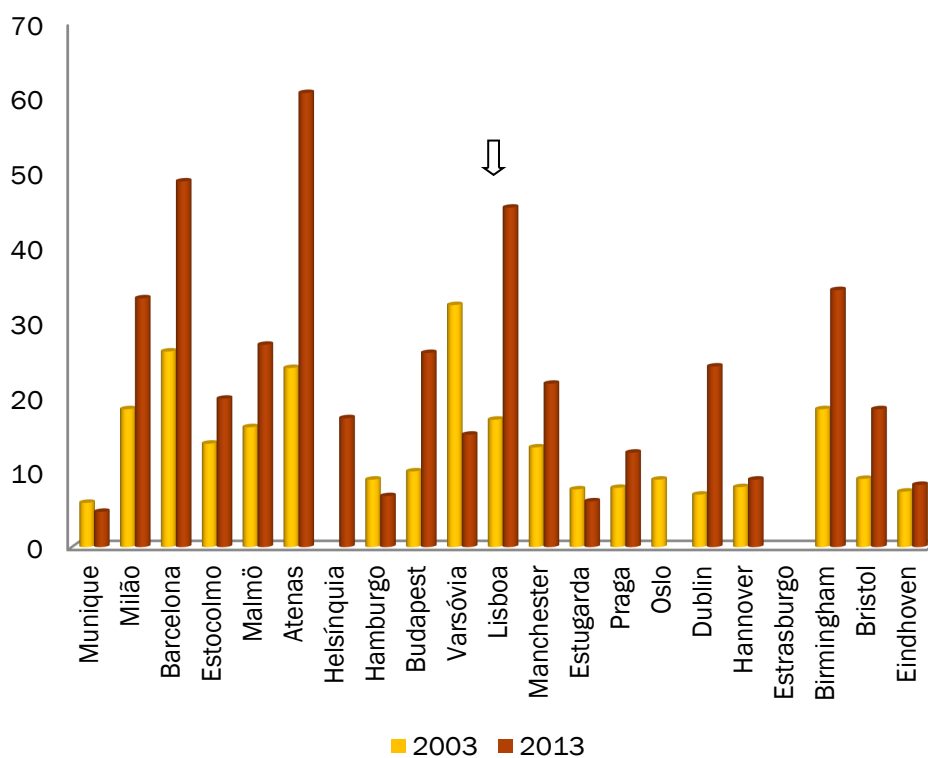


Figura 14 – Taxa de Desemprego jovem (15 a 24 anos)



Fonte: Eurostat (INE para Lisboa por indisponibilidade de dados no Eurostat)/  
ORLVT



## Mercado de Trabalho

Um dos indicadores disponíveis no Eurostat para aferir a dinâmica do mercado de trabalho, à escala das regiões metropolitanas, é a taxa de desemprego com diversas desagregações. Para a análise às regiões metropolitanas selecionadas foca-se apenas o desemprego total e jovem pela relevância que assume no dinamismo económico e social das sociedades.

Assim, e relativamente à taxa de desemprego total (*Figura 13*) nota-se uma tendência genérica de crescimento, entre 2003 e 2013, com exceção das regiões metropolitanas da Alemanha (Munique, Estugarda e Hamburgo) e de Varsóvia que registaram decréscimos nas taxas de desemprego naquele período. Em 2013, as regiões metropolitanas de Atenas e Dublin foram as que registaram maior crescimento nas taxas de desemprego, triplicando os valores de 2003, passando de 8,7% para 28,2% e de 3,6% para 11,8%, respetivamente (*Figura 13*). Salientam-se ainda os valores verificados em Barcelona e Lisboa, que duplicaram as taxas de desemprego naquele período temporal, passando de 11,2% para 23,1% e de 8,2% para 18,5%, respetivamente, sendo evidentes os impactos da crise económica e financeira nestas regiões. Ainda que com valores menos expressivos, destaca-se também o crescimento das taxas de desemprego nas regiões metropolitanas pertencentes ao Reino Unido.

Quanto ao desemprego jovem aferido no escalão etário dos 15 aos 24 anos, regista-se um padrão de evolução e distribuição muito semelhante ao do desemprego total, todavia com taxas mais elevadas: Atenas 60%; Barcelona 49%, Lisboa 45% e Dublin 24,1% (*Figura 14*).



Hannover, Alemanha ([www.flirck.com](http://www.flirck.com))

# 3– A QUALIDADE DE VIDA URBANA NAS CIDADES EUROPEIAS

## Enquadramento

A dimensão metropolitana é ainda recente nas políticas e instituições europeias, pelo que a produção estatística a este nível geográfico é limitada. Por forma a complementar a análise exploratória iniciada no ponto 2, sobre as regiões metropolitanas da Europa, apresenta-se neste ponto informação relativa à perceção dos cidadãos (*Perception survey result*) acerca da qualidade de vida urbana em algumas cidades europeias (zonas urbanas alargadas) que integram as regiões metropolitanas em estudo. Esta informação compilada no *Urban Audit*, refere-se a 2009 (ano mais recente) e encontra-se disponível apenas para 14 cidades que integram as 21 regiões metropolitanas seleccionadas no ponto 2.

A recolha de dados contida no *Urban Audit* fornece informação que permite comparar a qualidade de vida urbana nas cidades europeias em domínios como os transportes públicos, espaços verdes, acesso à cultura, desporto, acesso à internet e ainda sobre a facilidade em encontrar emprego ou a aquisição de casa a um preço razoável. Estes são alguns fatores considerados determinantes na definição da qualidade de vida urbana sendo cruciais para atrair e fixar residentes, trabalhadores qualificados, empresas, estudantes e turistas.

O conhecimento do desempenho das cidades a este nível é essencial para a construção de cidades e regiões mais competitivas, sustentáveis e inclusivas.

Figura 15– Grau de satisfação com os transportes públicos -2009 (Índice sintético 0—100)

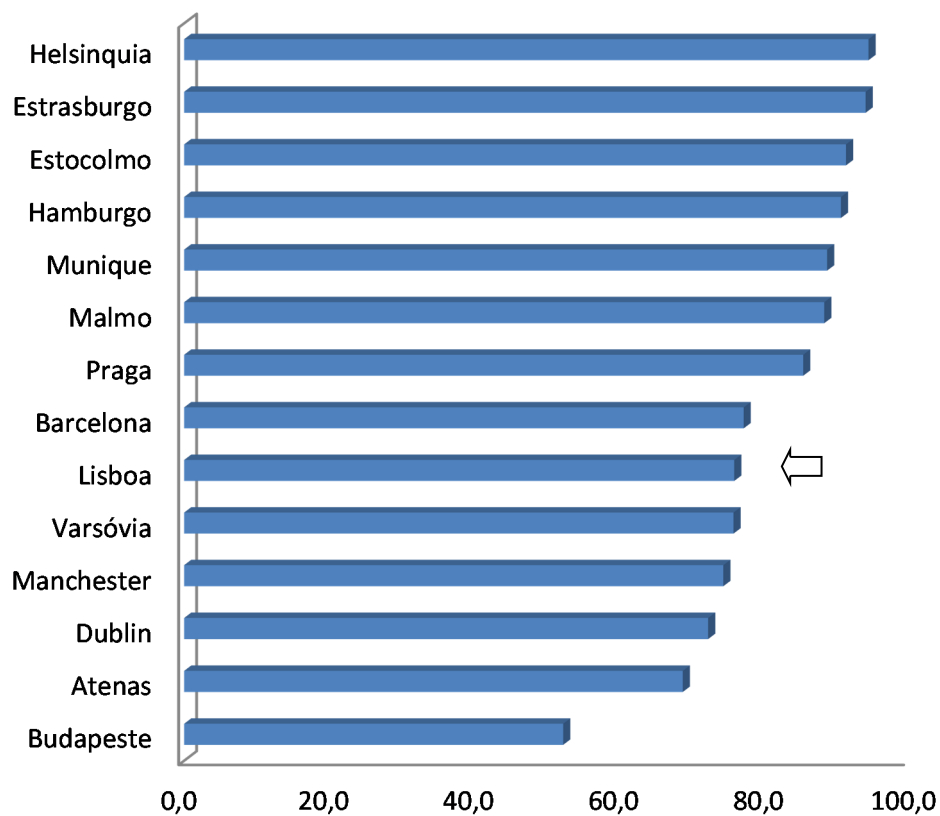
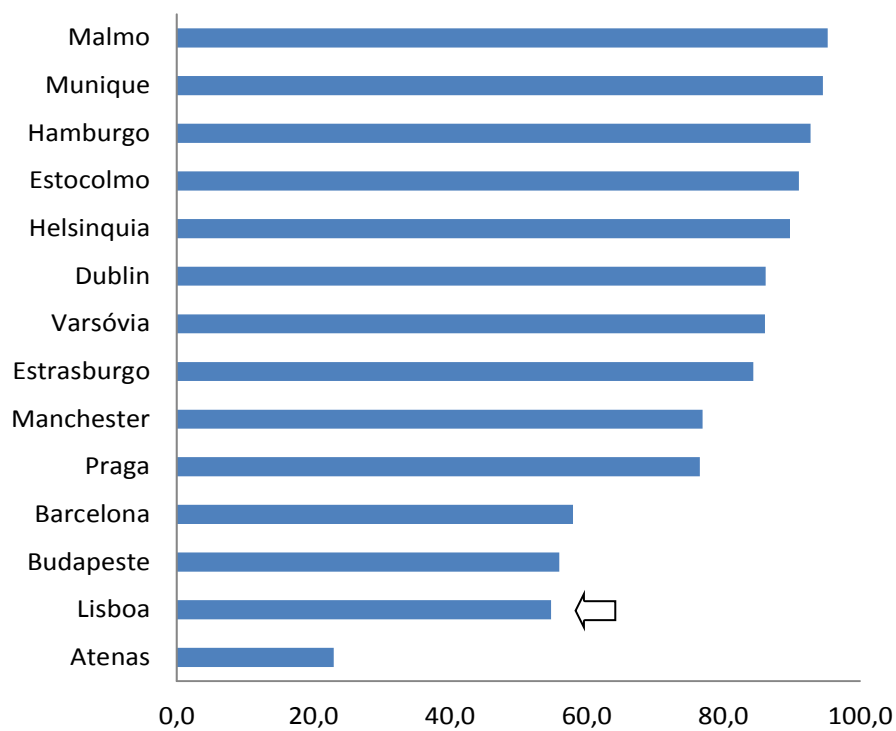


Figura 16– Grau de satisfação com os espaços verdes—2009 (Índice sintético 0—100)



Fonte: Eurostat; Urban Audit- Perception survey result / ORLVT

## Transportes públicos e espaços verdes

A metodologia desenvolvida pelo Urban Audit através do *Perception survey result* permite estabelecer comparações entre cidades europeias no que respeita à perceção sobre a qualidade de vida.

Em ambiente urbano, a facilidade de acesso aos transportes públicos e satisfação com os serviços por eles prestados são determinantes nas deslocações entre casa - trabalho e casa—escola, bem como na definição do bem-estar social.

Neste âmbito, e tal como ilustrado na *Figura 15*, todas as cidades apresentam valores superiores a 50 (índice sintético 0 –100). Budapeste é a cidade que apresenta um índice menos favorável (52,3), seguida de Atenas (68,8). As cidades com melhor desempenho são Helsínquia (97,4), Estrasburgo (94) e Estocolmo (91,3). Quanto a Lisboa, ocupa uma posição intermédia da tabela (74,9) com níveis de acesso aos transportes públicos bastante satisfatórios quando comparado com outras cidades europeias. Em termos geográficos as cidades do norte da Europa apresentam níveis de satisfação mais elevados com os transportes públicos.

Outro dos itens fundamentais para aferir os níveis de bem-estar da população urbana é a disponibilidade de espaços verdes. A necessidade destes espaços é uma das consequências da evolução que as cidades têm registado ao longo do tempo e funcionam como locais de encontro, de passeio público, de desafio urbano e de amenização climática, assumindo por vezes uma ligação ao espaço rural envolvente.

Nas cidades analisadas os níveis de satisfação com os espaços verdes (*Figura 16*) existentes é genericamente satisfatório (acima de 50) com exceção de Atenas que apresenta o valor mais reduzido (23). Ainda que com valor mais satisfatório (54), Lisboa surge em penúltimo lugar na tabela relativa à satisfação com os espaços verdes. No topo deste *ranking* estão Malmö (95,3), Munique (94,6) e Hamburgo (92,8), destacando-se as cidades do norte da Europa com níveis de satisfação bem mais elevados.

Figura 17- Satisfação com o acesso à cultura—2009 (Índice sintético 0—100)

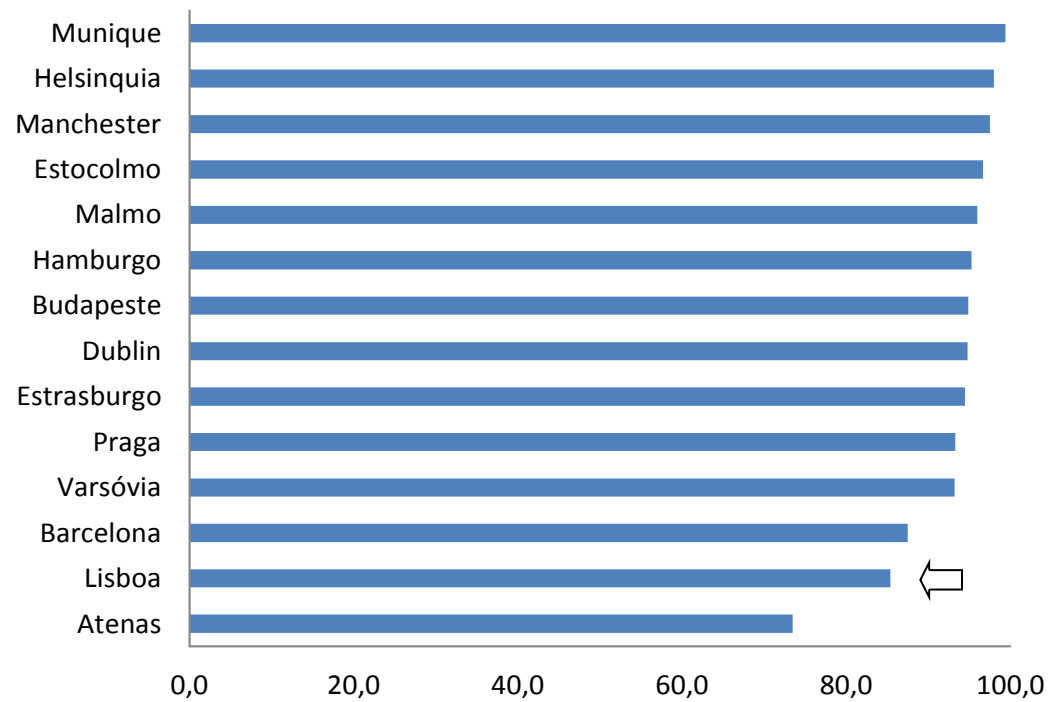
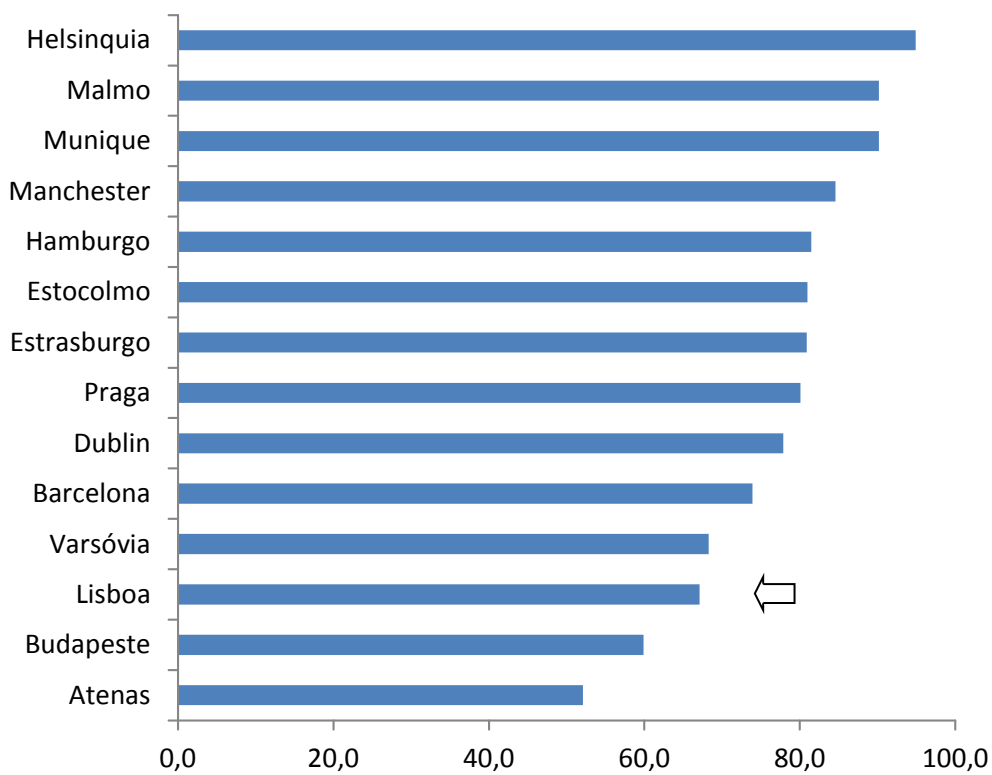


Figura 18— Satisfação com o acesso ao desporto—2009 (Índice sintético 0—100)



Fonte: Eurostat; Urban Audit- Perception survey result / ORLVT

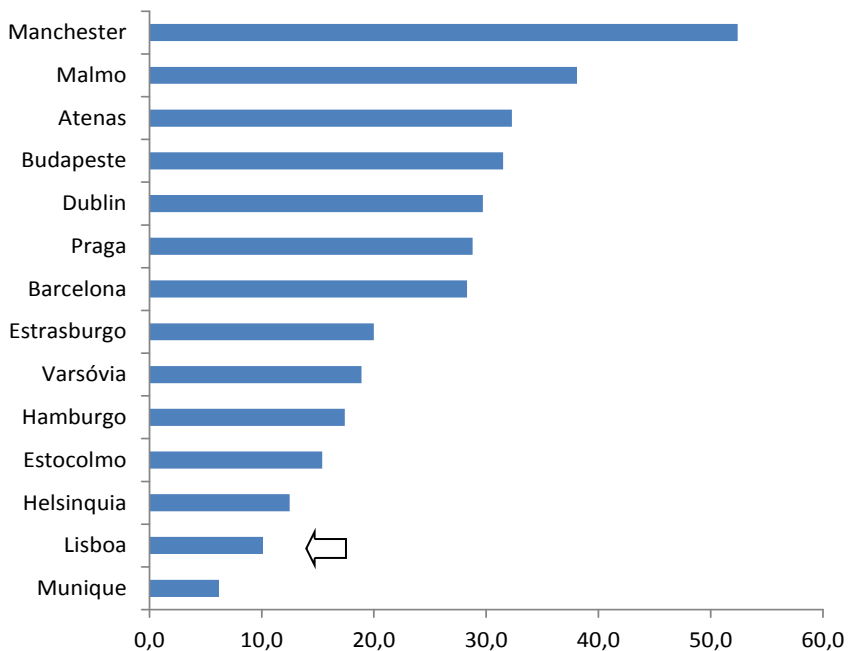
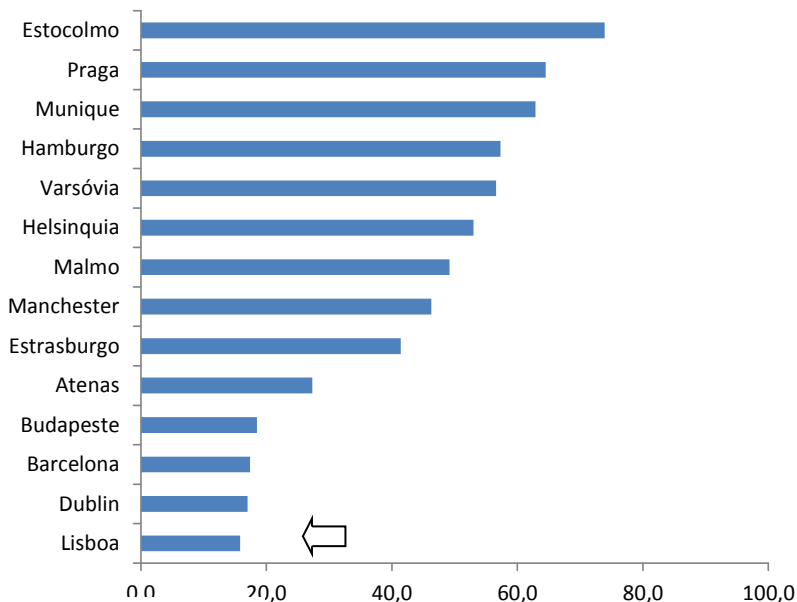
## Cultura e desporto

O acesso à cultura e ao desporto são igualmente relevantes na definição da qualidade de vida urbana. Nas cidades europeias em análise a satisfação com o acesso à cultura é francamente positiva, sendo de referir que, de todos os parâmetros analisados no *Perception survey result* do Urban Audit, é o que regista valores mais elevados de satisfação em todas as cidades. Ainda assim, as cidades do sul da Europa são as que apresentam valores mais baixos, destacando-se Atenas (73,5), Lisboa (85,4) e Barcelona (87,5) - *Figura 17*.

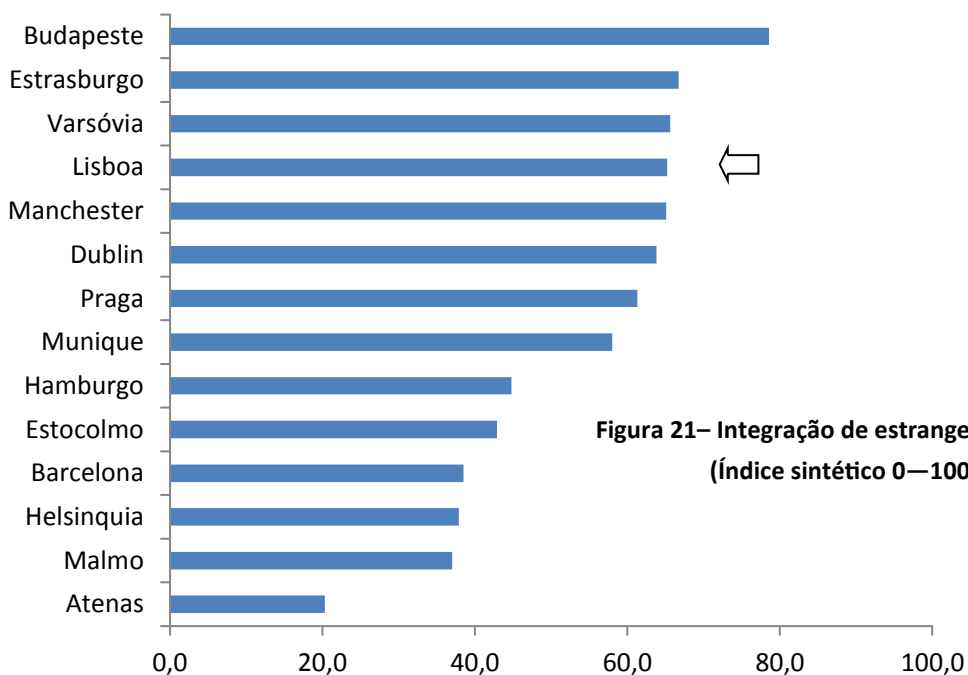
As cidades com melhores níveis de satisfação no que toca ao acesso à cultura são Munique (99,4), Helsínquia (98) e Manchester (97,5).

No que respeita ao acesso ao desporto, o padrão de satisfação é semelhante ainda que com níveis ligeiramente inferiores aos da cultura. A cidade de Lisboa regista um nível de satisfação de 67,3, seguida de Budapeste e Atenas (52,1) que apresenta o nível de satisfação menos favorável (*Figura 18*). Por oposição, Helsínquia (94,9), Malmö (90,2) e Munique (90,2) são as cidades que registam melhores níveis de satisfação no acesso ao desporto.

**Figura 19– Grau de facilidade em encontrar um bom trabalho -2009  
(Índice sintético 0—100)**



**Figura 20 – Grau de facilidade em encontrar boa casa a preço razoável—2009  
(Índice sintético 0—100)**



**Figura 21– Integração de estrangeiros—2009  
(Índice sintético 0—100)**

Fonte: Eurostat; Urban Audit—Perception survey result / ORLVT



## Facilidade no acesso ao trabalho e habitação

Através do *Perception survey result* do *Urban Audit* é possível ainda comparar a facilidade em encontrar trabalho ou habitação a preço razoável nas cidades europeias. De facto, é nestes dois itens que se verifica a maior disparidade de satisfação nas diversas cidades em análise e onde se registam os valores mais reduzidos de satisfação, sobretudo no item referente à habitação.

No que respeita à facilidade em encontrar trabalho (*Figura 19*) Lisboa apresenta o pior resultado (15,8), seguida de Dublin (17), Barcelona (17,4) e Budapeste (18,5). Por outro lado, Estocolmo é a cidade com melhores resultados no que respeita à facilidade em encontrar um bom trabalho (73,9), seguida de Praga (64,5) e Munique (62,9).

Relativamente à facilidade em encontrar boa casa a preços razoáveis (*Figura 20*) registam-se disparidades expressivas entre as cidades europeias, sendo Munique a cidade onde é mais difícil o acesso a habitação (6,2), logo seguida de Lisboa (10), Helsínquia (12,5) e Estocolmo (15,4). Por oposição, ainda que com valores pouco expressivos, Manchester é a cidade com maior facilidade no acesso à habitação a preços razoáveis (52,4), seguida de Malmö (38,1) e Atenas (32,3).

## Integração de estrangeiros

Por último, analisa-se a capacidade de integração de estrangeiros nas cidades europeias, destacando-se Budapeste com a melhor capacidade de integração (78,6), seguida de Estrasburgo (66,7), Varsóvia (65,6) e Lisboa (65,2) (*Figura 21*). Por outro lado, as cidades onde se registam maiores dificuldades na integração de estrangeiros são Atenas (20,3), Malmö (37) e Helsínquia (37,9). Ao contrário do que sucede noutros itens analisados, não é notório o padrão de distribuição ou agrupamento das cidades do norte ou do sul da Europa em determinado item da qualidade de vida urbana.



Lisboa, Portugal

## Notas finais

A dimensão metropolitana assume cada vez maior relevância nas políticas e instituições europeias, sendo ainda escassa a informação estatística produzida e disponibilizada a esta escala.

No panorama das 21 regiões em análise, a Região de Lisboa, apesar da sua pequena dimensão geográfica, ocupa uma posição intermédia no que respeita à população residente, mas com um nível de envelhecimento dos mais elevados da Europa com tendência de agravamento.

Em termos de desempenho económico, são visíveis os efeitos da crise financeira sobretudo nos países do sul da Europa e Dublin, sendo que Lisboa apresenta valores de VAB, PIB, e taxas de desemprego pouco favoráveis face às restantes regiões.

Quanto à disponibilidade de espaços verdes *per capita*, Lisboa apresentava, em 2009, valores residuais, refletindo-se esse facto nos fracos níveis de satisfação dos cidadãos com as áreas verdes urbanas existentes.

Nos restantes itens de qualidade de vida urbana, e quando comparada com as restantes regiões, Lisboa posiciona-se favoravelmente no que respeita ao acesso à cultura e ao desporto, bem como na integração de estrangeiros, apresentando no entanto níveis pouco satisfatórios no que respeita à facilidade em encontrar trabalho ou habitação a preços razoáveis, ocupando nestes casos as últimas posições face às cidades analisadas.

Pode-se concluir que a Região de Lisboa, e apesar da sua capitalidade, encontra-se equivalente a um considerável número de Regiões Metropolitanas intermédias da Europa, revelando graus de desempenho similares.



